

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#) | [Comunicar Erros](#)

Presas em São Paulo dizem ter que dar à luz algemadas

Segundo relatos, mãos ficam atadas no momento mais vulnerável da gestante

Pastoral Carcerária recebeu nos últimos meses denúncias de pelo menos seis casos ocorridos no Estado

ELIANE TRINDADE

DE SÃO PAULO

E.R., 28, foi presa quando estava no sétimo mês de gestação. Cumpria pena de 12 anos de prisão no Centro Hospitalar Penitenciário, uma das unidades que funcionam no antigo Complexo do Carandiru, quando sentiu as primeiras contrações.

Escortada até o Hospital de Vila Penteado, na zona norte de São Paulo, ela foi submetida a uma cesariana.

"Algemaram meus pés no aparelho ginecológico", relata E., em depoimento obtido com exclusividade pela **Folha**.

"Tiveram que fazer cesárea, mas a médica não pediu para retirar as algemas."

A prática de manter parturientes algemadas durante o parto foi confirmada à **Folha** em pelo menos dois hospitais públicos de São Paulo.

"Dá pena ver a mulher chegar algemada com aquele barrigão bem na hora do parto", diz uma voluntária que trabalha no Hospital de Vila Penteado há seis anos e pede para não ser identificada.

"Se a presidiária é boazinha, às vezes os PMs tiram as algemas. Já as mais nervosas ficam presas até na sala de parto", diz um funcionário do Hospital Geral de Taipas, também na zona norte.

INCHAÇO

Foi na maternidade de Taipas que P.O., 32, deu à luz o sexto filho. O parto foi normal. A caçula veio ao mundo com a mãe presa à maca por uma corrente em um dos pés e

com as mãos algemadas.

"Minha perna estava inchada. Fiquei com uma levantada, mas não dava para ficar na posição de parto", diz a presa, ao relatar que a filha foi levada para um abrigo e dada para adoção depois.

O relato faz parte do documentário "Mães do Cárcere", produzido por advogadas da Pastoral Carcerária para debater questões relativas à maternidade no sistema prisional.

O filme, de 17 minutos, foi exibido em agosto durante um seminário no Tribunal de Justiça de São Paulo.

O secretário de Administração Penitenciária do Estado, Lourival Gomes, afirma desconhecer o uso de algemas no parto. "Não acredito nisso. É um absurdo."

Segundo ele, não existe regulamentação determinando que a mulher tenha de ficar algemada durante o parto.

"Quando se chega ao hospital com uma presa quem vai dizer o que fazer é o médico", defende-se o secretário.

'PACIENTES'

Pela proximidade da Penitenciária Feminina de Sant'Anna, os hospitais de Vila Penteado e de Taipas estão entre as unidades públicas de saúde que mais recebem presas em trabalho de parto.

Também nas proximidades, o Complexo Hospitalar do Mandaqui é outra estrutura que realiza partos de presidiárias. Ali, no entanto, elas não são algemadas.

"Aqui, elas são pacientes", afirmou à **Folha** a diretora do hospital, Magali Proença. "Trabalhamos para mudar essa cultura."

A reportagem constatou que na maternidade do Mandaqui os médicos exigem a retirada das algemas durante o atendimento às parturientes. Fato confirmado também por detentas que deram à luz na unidade.

Em Taipas, P.O. afirma que o obstetra exigiu que ela fosse mantida algemada.

DENÚNCIAS

A Pastoral Carcerária recebeu nos últimos meses denúncias de que pelo menos seis presas permaneceram algemadas durante o parto.

"Não há justificativa para usar algemas no parto, além de torturar e estigmatizar ainda mais as presas", afirma Rodolfo Valente, advogado da Pastoral Carcerária.

Voluntária no atendimento às presas de Sant'Anna, a advogada Thaisa Oliveira colheu as primeiras denúncias. "É estarrecedor que alguém imagine uma fuga mirabolante de uma presa durante o parto, momento de total vulnerabilidade", afirma.

"É estarrecedor também que agentes da saúde se recusem a realizar o parto até que as algemas sejam colocadas", completa a advogada.

As presas são escoltadas durante todo o atendimento por uma agente penitenciária e por policiais militares.